

História e Memória: âncoras teóricas para a escrita biográfica

Mariza da Costa Pereiraⁱ

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Silvia Maria Nóbrega-Therrienⁱⁱ

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Tássia Fernandes Ferreiraⁱⁱⁱ

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa de mestrado em educação, do tipo biográfica, da autora principal, intitulado “Maria Grasiela Teixeira Barroso: legado para a formação da enfermagem cearense”, defendida em 2021, na Universidade Estadual do Ceará. A partir de fundamentações que compuseram o referencial epistemológico da pesquisa dissertativa, objetivamos, aqui, discutir os conceitos de História e Memória e sua relação com a pesquisa de cunho biográfico, bem como tecer reflexões teóricas que dialogam com esse tipo de pesquisa dando-lhe sustentabilidade e rigor científico. Nesse escopo, utilizamos uma abordagem qualitativa, do tipo teórica, cuja escrita delineou-se em aportes teóricos acerca da Biografia, da História e da Memória, imbricando-se. Concluímos que tanto a História como a Memória configuram-se como âncoras epistemológicas para contar a história de qualquer sujeito, possibilitando, assim, a produção de pesquisas biográficas com o devido rigor científico.

Palavras-chave: História. Memória. Biografia. Pesquisa biográfica.

History and memory: theoretical anchors for biographical writing

Abstract

The present work presents an excerpt from the main author's biographical research for a master's degree in education, entitled “Maria Grasiela Teixeira Barroso: legacy for nursing education in Ceará”, defended in 2021 at the State University of Ceará. Based on the foundations that made up the epistemological framework of the dissertation research, we aim here to discuss the concepts of History and Memory and their relationship with biographical research, as well as to weave theoretical reflections that dialogue with this type of research, giving it sustainability and scientific rigor. In this scope, we used a qualitative approach, of the theoretical type, whose writing was outlined in theoretical contributions about Biography, History and Memory, intertwining. We conclude that both History and Memory are configured as epistemological anchors to tell the story of any subject, thus enabling the production of biographical research with due scientific rigor.

Keywords: History. Memory. Biography. Biographical research.

1 Introdução

2

O presente artigo decorre de uma pesquisa de mestrado de cunho biográfico intitulada “Maria Grasiela Teixeira Barroso: legado para a formação da enfermagem cearense”, escrita pela autora principal deste trabalho e defendida em 2021, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Trata-se de um recorte que compreende parte bibliográfica fundamental para a temática, na medida em que relaciona História¹, Memória e a perspectiva biográfica. Nessa direção, enfocamos o seguinte questionamento: “Qual a relação da História e Memória com pesquisas do tipo biográficas?”. Nossos objetivos, a fim de responder tal questão, foram discutir os conceitos de História e Memória e sua relação com a pesquisa de cunho biográfico, bem como tecer reflexões teóricas que dialogam com esse tipo de pesquisa dando-lhe sustentabilidade e rigor científico.

Justificamos a relevância do artigo tendo em vista que o debate acerca dos conceitos de História, entrelaçados com os de Memória, são temas recorrentes, sobretudo, para historiadores e pesquisadores interessados na escrita biográfica. Também porque pesquisa dessa natureza relacionam-se diretamente com os estudos acerca da História e da Memória, tornando fundamental a discussão de perspectivas teóricas sobre a temática.

2 Metodologia

O estudo se deu a partir de uma abordagem qualitativa, a qual, segundo Minayo (2007, p. 22) “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Por esse viés, compreendemos que a abordagem de natureza qualitativa permite um aprofundamento da temática, com vistas à compreensão do

¹ Ao longo do texto, tanto a palavra História como Memória encontram-se ora escritas com inicial maiúscula, ora com minúscula. Quando referidas no sentido amplo, enquanto ciência, campo de estudos, estarão com iniciais maiúsculas.

nosso objeto, além de possibilitar uma análise mais aprofundada sobre a proposta de investigação.

Asseveramos que, muito embora, para efeitos deste artigo, não tenha sido necessário coleta de dados por meio de instrumentos que requerem a interação com outros sujeitos, atentamos para os aspectos éticos em pesquisas científicas com a observância das referências aqui utilizadas, garantindo a seriedade no uso das concepções teóricas, tolhendo, assim, qualquer tipo de impostura, plágio.

Como fontes, recorremos a livros e artigos de periódicos. Toda a fundamentação teórica que ampara a escrita deste trabalho foi selecionada tendo em vista as principais referências na temática, entre elas: Jacques Le Goff (1990), Peter Burke (1992; 2008), Marc Bloch (2001), Roger Chartier (1990), Paul Ricoeur (2007), Ecléa Bosi (1983), Halbwachs (1990), François Dosse (2015), Virgínia Woolf (2015), entre outros.

3 Apontamentos teóricos sobre a História: perspectivas de interpretar o tempo passado

Em sua origem, a palavra história produz um significado atrelado à ideia de procurar saber e de investigar, onde o tempo é matéria fundamental na construção de seus escritos, bem como de compreender a linearidade, cronologia e periodização para as interpretações do passado e análise dos fatos sociais. De acordo com o historiador Jacques Le Goff (1990), as iniciativas em busca de definir a História sempre existiram, tendo o autor a definido, em sua obra *'História e Memória'*, como “[...] uma narração, verdadeira ou falsa, com base na ‘realidade histórica’ ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula” (LE GOFF, 1990, p. 18), interpretando-a como uma narrativa que descreve o acontecimento dos fatos passados, contada por alguém, em determinado tempo e lugar. Le Goff corrobora o conceito de que a História é a ciência do passado, não somente deve permitir compreender o presente pelo passado, mas o passado pelo presente.

Por sua vez, para Paul Ricoeur (2007), a História é considerada como um campo científico, para uma análise erudita de abordar o passado, instrumentalizando os ocorridos por meios de verificações em documentos e registros, com respaldo teórico e metodológico, de modo a compreender, reconstruir e interpretar de forma crítica os acontecimentos passados. Daí o estudo e articulação realizada por ele entre verdade e História.

4

Em outra perspectiva, Marc Bloch (2001), compreende a História não exatamente como uma ciência do passado, mas, sim, a ciência dos homens no tempo, asseverando que a História é a História humana. Nesse sentido, para o teórico, a História se define como a ciência que interpreta as ações humanas no tempo, seguindo um método e buscas de documentos para a produção do conhecimento histórico. Essa concepção mais subjetiva e humana de História, com foco em conhecer e ensejar visibilidade à voz e às relações humanas teve origem no século XX, a partir de historiadores que apresentavam críticas e concepções de inadequações ao modo positivista² e tradicionalista de registrar e entender a História.

As mudanças nas pesquisas historiográficas tiveram início após a Escola dos *Annales*, fundada pelos historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929, na França, movimento que emergiu uma renovação no método de investigação histórico e historiográfico. Mais especificamente, se propunham a ir contra o paradigma tradicional e a perspectiva positivista da História, concebendo, assim, o nascimento da Nova História e possibilitando, a partir daí, novas maneiras de contar a História, considerando inúmeras vivências humanas em sociedade. Nessa perspectiva, toda vivência humana é uma história, e a escrita de trajetórias de vida de pessoas comuns passa a ser importante para a historicidade.

Segundo Burke (1992) o entendimento da História nova, perpassou por quatro gerações pós-*Annales*: a primeira geração (1929-1949), composta pelos

² Considerada tendência da produção histórica tradicional, a História positivista se interessava pela História política de forma cronológica, fatural e linear, os historiadores tinham que dominar o método e seguir rígidos procedimentos metodológicos científicos com relação às fontes históricas.

próprios fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre; a segunda (1946-1968), presidida pelo historiador francês Fernand Braudel; a terceira (1968-1989) composta por diversos historiadores, dentre eles Le Goff, segundo o qual o movimento dos *Annales* proporcionou uma ruptura historiográfica, estabelecendo um novo paradigma. Passou-se a considerar a abertura de novas temáticas e o interesse pelas histórias de pessoas comuns, conhecida como “História vista de baixo” e Micro-História (LE GOFF, 1990); a quarta geração (1989 até os dias de hoje), configura-se como um período de significativo desenvolvimento e surgimento da Nova História Cultural (NHC) (BURKE, 1992; 2008), a qual impulsionou uma nova forma de registrar e contar a História, se interessando por toda a atividade humana em variados aspectos, dentre estes, os econômicos e sociais.

Chartier (1990) compreende que a NHC contribui para o conhecimento da realidade social, a qual é feita, pensada e compreendida em diferentes tempos, lugares e momentos. Isto posto, ao investigar a vida social, o teórico define que esse campo pode tomar por objeto as formas e representações que constituem as configurações sociais.

Nessa direção, portanto, a NHC constitui-se como um campo de estudo multidisciplinar, capaz de perceber diversas dimensões dos saberes historiográficos, ampliando sobremaneira a forma pela qual é escrita e pensada a História, em suas mais variadas vertentes. Desse modo, todo sujeito importa para a historiografia e para narrar a História, seja ele de grande ou diminuto prestígio social (BARROS, 2015). É nesse sentido que defendemos a NHC como uma matriz teórica para a elaboração de uma biografia, de um sujeito que viveu em um passado recente, que fez e faz parte da memória social histórica de pessoas que com ele conviveu.

Mediante os escritos de Chartier (1990), esse novo modo de enxergar a história cotidiana é de suma importância, pois ela é de interesse da dimensão histórica cultural, a qual busca compreender tempos e espaços diferentes, definindo no campo das representações a realidade como ela foi constituída. O próprio autor destaca que essa ação se configura numa apreensão do mundo social, possível de ser percebida e categorizada, anteriormente não valorizada.

Com tais transformações, fez-se possível conhecer e registrar memórias de “pessoas comuns”, educadores, artistas, médicos, mulheres, dentre outros sujeitos, ampliando a leitura do tempo histórico, a partir da interpretação do tempo vivido do outro.

3.1 A memória e o vivido

6

Para apresentar o conceito de Memória, iniciamos com a perspectiva de Le Goff (1990) que, em seu sentido natural, é referida como “propriedade de conservar certas informações” (LE GOFF, 1990, p. 423). O teórico classifica e descreve o desenvolvimento da Memória na História da humanidade em cinco etapas: a primeira etapa configura-se na Memória étnica nas sociedades sem escritas, referidas como selvagens; a segunda concerne no desenvolvimento da memória, da oralidade a escrita, da Pré-História a Antiguidade; a terceira etapa definida como a Memória medieval no Ocidente, em que há equilíbrio entre o oral e o escrito; a quarta etapa foi marcada pelos progressos da Memória escrita do século XVI aos nossos dias; e, finalmente, a quinta que marca os desenvolvimentos atuais da Memória.

Paul Ricoeur (2007), em sua obra “A Memória, a História, o Esquecimento” esboça fenomenologicamente as manifestações da memória, expressando que abordar a memória tem cerne nos fenômenos mnemônicos, compreendendo os modos de produzir as lembranças. A memória, segundo o teórico, constitui-se como mais um recurso a respeito da referência ao passado, mesmo sendo considerada por alguns historiadores como falha, por não ser fiel ao passado e estar sujeita ao esquecimento, a recordação pode ter fracasso. Mas, por outro lado, ela pode ser bem-sucedida, o que, no caso, o autor denomina de memória feliz. A descrição da memória, apesar da ameaça do esquecimento, torna-se, segundo Paul Ricoeur (2007), matriz da História.

Por sua vez, para Ecléa Bosi (1983), estudiosa do campo desde os anos finais da década de 90, a Memória busca reconstituir o passado que se realiza no presente, então sua produção é de interesse ou necessidade desse tempo. Bosi

(1983) anuncia ainda que o resgate da memória é fragmentado, permeados de lembranças e/ou esquecimentos, e tem como marca principal a subjetividade e a individualidade, embora seja também coletiva, pois os indivíduos recordam de fatos históricos sociais, e, ao mesmo tempo, têm as suas vivências singulares (micro) imbrincadas a uma pluralidade de fatos que entremeiam as relações macro, como a política, a econômica, a educativa, entre outras. Nesse campo coletivo de entendimento da memória, encontramos a posição mais enfática de Paul Ricoeur (2007).

Halbwachs (1990) corrobora, de certa forma, as perspectivas de Bosi e Ricoeur, ao distinguir e interpretar as memórias do tipo individual e do tipo coletiva, sendo a primeira apoiada na segunda, pois toda história de vida também faz parte da História em geral. O autor defende que as lembranças dos indivíduos são sempre pertencentes a um grupo, sendo a memória individual um ponto de convergência e uma forma de articulação de ambas.

Conforme essas perspectivas teóricas acerca da memória individual e coletiva, compreendemos que a memória individual dos sujeitos se configura como fiéis depositários da Memória e História social, preenchendo lacunas e rememorando fatos esquecidos, conservando informações valiosas capazes de reconstituir histórias de vida e de acontecimentos de determinados lugares e tempos, representados por meio da memória do vivido dos sujeitos, o que constitui uma narrativa sobre o passado. É nesse sentido que em biografias, o resultado final é como um leque de memórias, esquecimentos e interrupções, não resgatando, mas reconstruindo, ressignificando o passado, uma vez que a memória, segundo Jucá (2011, p. 39) é “[...] elemento essencial para elaboração de uma história bem fundamentada e escrita”.

3.2 Escrita biográfica: construto entre os elementos da História e Memória

A biografia é o biografado segundo o biógrafo (VILAS BOAS, 2014) pois, para esse autor, a escrita biográfica tem por finalidade entender como o biografado viveu em seu tempo e espaço, enquanto o biógrafo, por sua vez, interpreta as

experiências e ações cotidianas, recebendo influências de seu biografado. Há, em outras palavras, a imersão de um no mundo do outro.

Carino (1999), afirma que, historicamente, a prática e o interesse de escrever sobre a vida de alguém data da antiguidade, partindo de uma finalidade de deixar registrado os feitos e legados de uma pessoa que tem ou teve visibilidade para a sociedade. Acerca disso, diz que:

8

Desde os tempos do neoplatônico Damaskios, no século V a.C., a quem se atribui a cunhagem da palavra biografia (de *bios*, vida e *gráphein*, escrever, descrever, desenhar), a narrativa de trajetórias individuais permanece em destaque, suscitando interesse, quaisquer que sejam sua forma ou as intenções que motivam sua elaboração. [...] Daí quanto ao sucesso das narrativas de vida, posto que se mantêm em evidência há mais de 2.000 anos (CARINO, 1999, p. 154).

A concepção de biografia vai se modificando (BORGES, 2008). O historiador francês estudioso na área de biografia e historiografia, François Dosse (2015), analisa as transformações ocorridas e aponta três fases no percurso da biografia: na primeira fase, a heroica, transmitiam-se modelos e valores para as gerações seguintes; na segunda fase, denominada biografia modal, a história do indivíduo teria valor somente para ilustrar o coletivo; na terceira fase, chamada idade hermenêutica, que se estende até atualmente, a biografia torna-se terreno de experimentação aberto a influências disciplinares.

Nessa perspectiva mais atual, Virgínia Woolf (2015), em “A arte da biografia”, ao discutir sobre os limites do trabalho biográfico, anuncia que é importante ter cuidado para que a descrição realizada pelo biógrafo não se caracterize como uma biografia do tipo heroica ou fictícia. De modo a evitar o culto à imagem do ídolo, a autora explica que deve-se tratar o biografado como uma pessoa da vida comum e real, permeado de problemas, crises e dificuldades. Assim, se dará forma às experiências e vivências que tiverem lugar na memória do biografado, sendo boas ou ruins.

Também sobre as biografias atualmente, Borges (2008) explica que:

No sentido do senso comum, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu (BORGES, 2008, p. 215).

Dessa maneira, asseveramos o caráter investigativo inerente às biografias, na medida em que se compõem do conhecimento próprio da História, em seu tempo passado ou presente.

9

Nessa direção, a perspectiva de trabalhar com biografias fornece subsídios que possibilitam ao pesquisador compreender aspectos da sociedade de antes e de agora, na medida em que esse tipo de pesquisa contempla a memória individual e coletiva, já que, em síntese, cada história de vida contém a história de um tempo, de grupos e de pessoas com quem se relaciona (RODRIGUES, 2015). É nesse sentido, portanto, que discussões e reflexões teóricas acerca da História e da Memória não só enriquecem epistemologicamente os escritos biográficos, como são âncoras teóricas fundamentais para seu desenvolvimento, tendo em conta que narrar uma história individual é também conhecer o social, e que, ao fazê-lo, o pesquisador valoriza a narrativa, a experiência e a memória de sujeitos construtores da história.

Dito de outra forma, enquanto ponto de confluência entre o indivíduo e a sociedade, entre a história pessoal e a história da coletividade, observada numa determinada extensão e sucessão temporal (CAVALCANTE, 2015), a pesquisa biográfica é ponto de cruzamento também com a História e a Memória do entorno social vivido. Em sentidos mais amplos, trata-se de uma conexão entre a Micro e a Macro-História.

4 Considerações finais

No presente artigo, buscamos responder o seguinte problema de pesquisa: “Qual a relação da História e Memória com as pesquisas do tipo biográficas?”. A partir disso, discutimos os conceitos de História e Memória e sua relação com as pesquisas do tipo biográficas, bem como proferimos reflexões teóricas por meio de autores de referência no estudo sobre a temática que dão sustentabilidade e rigor científico às pesquisas dessa natureza.

Em síntese, observamos os conceitos e os modos de se escrever a História, sob a ótica dos autores escolhidos como aporte. Destacamos, assim, a evolução qualitativa que a corrente da Nova História proporcionou à História, o que ocorreu não só em nível conceitual, mas metodológico. Tanto a História como a Memória, que dela não se desvincula, são elementos fundantes que funcionam como âncora epistemológica para contar a história de qualquer sujeito.

10

Ressaltamos que, apesar de frequentemente em diálogo e em direta relação, os conceitos de História e Memória são distintos, na medida em que a primeira se preocupa com a veracidade dos acontecimentos, enquanto a segunda se volta mais para a subjetividade. É, todavia, no entrelace de ambas que as pesquisas biográficas são possíveis e, com o exercício da memória, muitas histórias foram e são registradas.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**: especialidades e abordagens. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. 222p.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 155p.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi *et al.* (Org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 203-233.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: USP, 1983. 401p.

BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. 7^a reimpressão. São Paulo: Unesp, 1992. 354p.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008. 191p.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 67, p. 153-182, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Percurso Profissional e Impressões do Velho

Mundo: Aspectos Biográficos da Professora e Jornalista Edite Braga (1899-1950). *In*: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. (Org.). **Histórias de Mulheres**: amor, violência e educação. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p. 399-418.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 1990. 244p.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2015. 421p.

HALWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. 189p.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. 1. ed. Fortaleza: Premium, 2011. 153p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 1. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. 476p.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p.

RICOEUR, Paul. **A História, a Memória e o esquecimento**. Tradução: Alain François *et al.* 6ª reimpressão. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. 523p.

RODRIGUES, Rui Martinho. Biografia e Gênero. *In*: FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério. (Orgs). **Biografia de Mulheres**. Fortaleza: EdUECE, 2015, p. 54-70.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 254p.

WOOLF, Virgínia. A arte da biografia. *In*: **O valor do riso e outros ensaios**. Tradução e organização: Leonardo Fróes. 1. ed. eletrônica. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 244-265.

ⁱ **Mariza da Costa Pereira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0466-8652>

Prefeitura de São Gonçalo do Amarante; Secretaria Municipal de Educação; Centro de Educação Infantil.

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE); licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professora efetiva da Prefeitura de São Gonçalo do Amarante.

Contribuição de autoria: Autora do texto dissertativo, fez o levantamento bibliográfico e a escrita do texto inicial.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5693726982924361>
E-mail: marizadacosta16@gmail.com

ii **Silvia Maria Nóbrega-Therrien**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9660-8314>
Universidade Estadual do Ceará; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação.

Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Valencia; Doutorado em Sociologia da Educação pela Universidade de Salamanca; Mestrado em Educação (UFC) e graduação em Enfermagem (UFC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE); Contribuição de autoria: Orientou o trabalho e acrescentou aportes teóricos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8260706446079117>
E-mail: silnth@terra.com.br

iii **Tássia Fernandes Ferreira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2750-8897>
Universidade Estadual do Ceará; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação.

Doutoranda em Educação (PPGE/UECE); Mestra em Educação Brasileira e licenciada em Pedagogia (UFC); Pós-graduanda em Direito Educacional e Gestão de Instituições educacionais (UNINTER); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UVA).

Contribuição de autoria: Realizou o recorte da dissertação fazendo uma releitura e acrescentando novas referências, transformando em artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9670769637236669>
E-mail: tassiaffer@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

PEREIRA, Mariza da Costa; NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria; FERREIRA, Tássia Fernandes. História e Memória: âncoras teóricas para a escrita biográfica. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-12, 2021.